

## Meios de comunicação e política nas crônicas de Rachel de Queiroz

Regma Maria dos Santos \*

**Resumo:** Rachel de Queiroz apresenta, em suas crônicas, aspectos cotidianos de sua vivência pessoal e coletiva, enfocando faces da política local ou nacional. As temáticas de suas crônicas são, em geral, ligadas a fatos publicados na imprensa, notícias que ouviu no rádio, comentários sobre o que se ouviu ou leu. Nesse sentido, pretendemos analisar algumas crônicas de Rachel de Queiroz nas quais estão presentes as discussões sobre os meios de comunicação em meados do século XX no Brasil. Dentre essas “O quarto poder”; “Imprensa americana” e “O Telefone”. Procuramos perceber a dimensão que ocupam os elementos responsáveis pela modernização da sociedade na obra da escritora. Dotadas de uma preocupação política, as crônicas acima compõem essa perspectiva sempre presente no discurso da autora. Mas, esse aspecto é abordado não apenas em tom de denúncia, como na crônica “Imprensa americana”, mas em tom de humor e ironia como na crônica “O Telefone”.

**Palavras-chave:** Meios de comunicação, crônicas, Rachel de Queiroz

**Abstract:** Rachel de Queiroz's *crônicas* (journalistic articles) convey everyday aspects of her personal and collective life with a focus on the facets of local and national politics. Her themes deal with common events made public by the press, with news she heard on the radio and with comments on what she heard or read. This paper attempts at analyzing three of her articles which discuss media in Brazil in the mid-XX century, namely, “O quarto poder” (the fourth state), “Imprensa americana” (American press), and “O telefone” (the telephone). Our analysis seeks to realize the dimension which the elements that modernized Brazilian society occupy in Queiroz's work. Endowed with a political concern, these articles make up such thematic perspective which is always present in her speech. But rather than denouncing media as she does in “Imprensa americana”, she treats media with humor and irony as in “O telefone” as well.

**Key words:** media, *crônicas*, Rachel de Queiroz.

### Introdução

Ao propormos trabalhar com as crônicas de Rachel de Queiroz temos de ter clareza da dimensão efêmera da crônica, mas também de sua capacidade de escapar desse tempo breve ao tornar-se um documento para o historiador. De acordo com Borelli (1996) o cronista revela o instante, o atual, o presente, o que tem duração em curto espaço de tempo. A crônica é o próprio fato moderno. Seu consumo é imediato. Sua dimensão temporal é marcada por transitoriedades, instantaneidades”. (1996:72) Mas, ainda assim, conforme essa mesma autora, o cronista é também um narrador da História escrita, pois, com a modernidade, os

---

\* Profa. Adjunta do Curso de História da UFG – Campus Catalão. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Colaboradora do Mestrado em Teoria Literária UFU. Agência Financiadora: FUNAPE/UFU.

velhos contadores de história são poucos:

O cronista moderno é o narrador da história escrita, o narrador na modernidade. Com a modernização das sociedades, diminui o espaço e a presença dos velhos contadores de histórias que no passado trocavam experiências vividas com seus ouvintes. (BORELLI, 1996: 63).

O cronista pode ser considerado também um historiador, segundo Borelli, pois, ele interpreta, apresenta e recria, com sua imaginação, algum fato ou acontecimento. Ao escrever uma crônica, o cronista está “lembrando” de algo. *“O ato de escrever crônicas é, concomitantemente, um ato de lembrar. Faz-se de novo do cronista historiador e do historiador cronista. São lembranças pessoais e familiares, resultantes da articulação entre memória coletiva e memória individual”.*(BORELLI, 1996:69).

Antonio Dimas afirma que não merece muita confiança o argumento que discrimina a crônica com base no seu caráter efêmero. Se o fato de ser publicada em jornal a condenasse ao esquecimento rápido, ou implicasse em uma qualidade inferior, a história literária no Brasil não apresentaria tantos cronistas de mérito que vem sendo publicados em coletâneas ou antologias. (DIMAS, 1981:8)

Luiz Roncari considera ainda que:

Se o romance-folhetim tenta sobreviver à existência breve dos jornais e alcançar o verdadeiro corpo no livro, a crônica literária faz o contrário: realiza seu verdadeiro ser na brevidade dos jornais, mas espera repousar dessa passagem agitada e curta no livro que a lembre e recorde, como a imagem de quem foi um dia. (RONCARI, 1985:13)

Nesse sentido podemos compreender que a crônica alia o tempo passado ao presente, permitindo-nos refletir sobre as temáticas ali construídas. As crônicas de Rachel de Queiroz tornam possível perceber que as transformações ocorridas em meados do século XX no Brasil com a difusão dos meios de comunicação provocaram resistência, alteraram as relações cotidianas, causaram rupturas e ampliaram o alcance e a divulgação das notícias.

Rachel de Queiroz traz, em suas crônicas, aspectos cotidianos e até mesmo de sua vivência pessoal, transitando dos sentimentos mais íntimos aos sentimentos coletivos, extensivos também à política. A temáticas de suas crônicas apresentam ainda questões relativas ao conflito entre a tradição e a modernidade, como poderemos observar na análise das crônicas que se seguem.

A crônica *O Telefone*, selecionada para esta análise, faz parte do livro *Mapinguari*, que reúne crônicas de diversos livros de Rachel de Queiroz, dentre esses, *O Brasileiro Perplexo*,

*As meninas, O jogador de sinuca.* A obra *Mapinguari*, além das suas peças de teatro *Lampião e A Beata Maria do Egito* foram publicadas conjuntamente no Vol.5 de sua Obra Reunida (1989). Já as crônicas *O quarto poder e Imprensa* fazem parte do livro *O Caçador de Tatu* publicado no volume 4 de suas Obras Reunidas(1989).

Para melhor compreender as reflexões construídas pela autora, consideramos importante, apresentar uma breve biografia de Rachel de Queiroz, que nasceu em Fortaleza-CE em 1910. Viveu entre o Ceará, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, tendo atuado politicamente no PCB (Partido Comunista Brasileiro), foi presa diversas vezes. Com o Estado Novo seus livros junto aos de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos são queimados, acusados de serem subversivos.

Com o assassinato de Trotsky por Stalin, a autora afasta-se da esquerda. Em 1964 apóia, como diversos intelectuais, o golpe de 1964, aparentemente tomando atitude contraditória à sua trajetória de esquerda, dando apoio à deposição de João Goulart, a quem acusava de continuísmo da política de Vargas. Foi a primeira mulher a ser eleita pela ABL em 1977. Rachel de Queiroz falece em novembro de 2003 aos 92 anos.

Nessa breve biografia podemos nos deparar com uma escritora profundamente ligada com as questões sociais de seu tempo e lugar. Não por acaso suas crônicas estão marcadas por temas polêmicos relacionados à questões políticas comuns no Brasil em meados do século XX, como as práticas do coronelismo, a atuação da imprensa e a visão que a imprensa americana possui do Brasil.

Segundo Afrânio Coutinho a cronista apresenta características típicas do modernismo, sua principal temática, “dentro do pano de fundo dos problemas geográficos e sociais nordestinos, é a posição da mulher na sociedade moderna, com seus preceitos morais e sociais”.(COUTINHO, 1986: 279)

A obra de Rachel de Queiroz expõe as transformações ocorridas no século XX mostrando que a autora se interessa por temas variados do cotidiano, compreendendo que o tempo contemporâneo é breve e efêmero.

Na crônica “O quarto poder” a autora inicia suas reflexões dirigindo-se diretamente ao leitor expondo que se alguém acredita que ela, por não estar no Rio, está mal informada, engana-se, pois ao contrário, está informadíssima. Após essa confissão inicial a autora passa a descrever sua rotina na fazenda diante do aparelho de rádio:

Desde as seisda manhã começava o transistor da fazenda a dar notícias, num horário assim organizado: das seis às seis e quarenta Rádio Assunção; seis e quarenta às sete PRE-9; sete horas às sete e quarenta e cinco(até o chamado das pessoas desaparecidas), Jornal Tupi; sete e quarenta e cinco às oito, Bandeirante de São Paulo; oito horas, Repórter Esso. Ao meio dia, programas de política local, e de novo Repórter Esso. Do meio dia às doze e cinquenta e cinco. De noite, Voz do Brasil para saber os atos do Executivo e os discursos do Congresso. Nessas longas horas de escutar rádio cheguei a bordar um imenso tapete de mais de dois metros, enquanto me inteirava da vida da nação e do mundo.(QUEIROZ,1989: 104)

Assim como Penélope à espera de Ulisses, Rachel de Queiroz tece seu tapete ouvindo pelo rádio as notícias do dia a dia. A cronista destaca a vantagem do rádio de não deixá-la aflita. Talvez pelo controle que esse meio de comunicação sofre, lembrando que essa crônica é de 14/12/1965.

No entanto, quando volta ao Rio de Janeiro, o vício pelo jornal é retomado. Nesse momento a autora expõe a diferença entre um meio e o outro:

Jornal quentinho do forno, e ninguém vai trocar o prazer de ler ‘direto’ pela vicária informação contada por boca de locutores, entre a enxurrada de anúncios. Mas o jornal acaba com o coração da gente, põe-nos as coronárias cívicas em tensão constante, e não sei como, diariamente, não morremos todos de enfarte.(...) No fim, cada um acaba acreditando no que lhe é mais simpático – e assim viram artigos de fé as afirmações mais contraditórias.

Como exemplo dos boatos e versões da imprensa a autora cita as várias chamadas sobre a ida de Juscelino para a América, dentre essas: ‘JK fugiu de medo da cadeia’, ‘Autorizado pelo governo revolucionário, Juscelino viaja para Nova Yorke’, ‘Amigos poderosos subtraem Kubitschek aos IPM, ‘JK escapa à meia-noite’.

A cronista observa que o leitor deve tirar uma média e ficar com a mentira que mais lhe agrada. E continua a criticar o jornal afirmando ser ele aparentemente coerente, mas é uma colcha de retalho que reflete a visão individual de cada redator conforme suas simpatias e antipatias.

Após essas considerações a cronista passa a relatar o caso de um jovem repórter que interpela um senador a respeito do Ato Institucional número 2, questionando seus defeitos. Tomado de surpresa o senador responde que como todo ato humano é imperfeito, o ato institucional número 2, terá também suas imperfeições. No jornal vespertino o repórter escreve a seguinte manchete: SENADOR X ATO INSTITUCIONAL, chamando para a matéria na página 18, onde se lê as considerações do Senador. A cronista cita o susto do Senador ao ler a matéria, já que era um homem dócil e não queria se indispor com o governo. Diante de tal situação escreve uma longa carta que é publicada na mesma página do jornal três

dias depois. Mas essa carta já não tem o mesmo efeito da matéria. O que ficou, segundo a autora, é a “sensação de que o dócil Senador de repente virou fera...” (QUEIROZ, 1989, p. 105)

Não se sabe, conforme a cronista, as reais motivações daquele noticiário, que com certeza, caíra na mão de correspondentes estrangeiros que as mandam daqui para fora.

No entanto, Rachel de Queiroz, pondera “ruim com eles, pior sem eles”. E passa a recordar os tempos do Estado Novo:

(aquilo sim era ditadura; e hoje, os velhos cúmplices e sicários de Getúlio ousam apelar para a ONU pedindo liberdade!) no Estado Novo, quando nas entrelinhas dos jornais arrolhados a gente festejava uma lança da África uma insinuação maliciosa, um protesto subliminar, no artigo de Osório Borba, na crônica de Braga, na coluna de Pedro Dantas...Parecia que nos faltava o ar constantemente.(QUEIROZ, 1989:106)

Após esse desabafo a autora conclui: “deixa a rapaziada falar”, concordando que é melhor ler uma mentira, que ver proibida de publicação uma verdade. E completa:

Só se sabe a falta que faz uma imprensa livre, com todos os seus defeitos, absurdos e leviandades, depois que se passa pela provocação de uma imprensa amordaçada. Fica uma covardia pairando no ar, como um cheiro mau. Os foquinhos petulantes e boateiros – matéria prima de onde sairão os grandes jornalistas – desaparecem e são substituídos por uma fauna sinistra de puxa-sacos ávidos, medrosos, cevados nas verbas secretas, e que em vez de agitar uma bandeira, simplesmente abanam o rabo, como cachorros festeiros. Desses é que a gente deve ter medo; porque aí, em vez do simples boato sensacionalista, que por si mesmo se desfaz, temos a mentira organizada, servil, interesseira, premeditada. Mentira autoritária que ainda é pior do que a mentira subversiva, já que tem do seu lado a força. .(QUEIROZ, 1989:106)

O fim de seu texto traduz a propriedade de suas ponderações, já que a partir dali apresenta-se o prenúncio da ditadura, nada branda, que estava se implementando no Brasil, solidificada no Ato Institucional n.5, que, mais uma vez, silencia a imprensa nacional e deixa a fala para os “foquinhos, os puxa-sacos, os interessados nas verbas secretas, os cachorros festeiros”, como os denomina Rachel de Queiroz.

É fato comum suas biografias revelarem o seu apoio aos militares em 1964, como uma colaboradora, que "conspirou" a favor da deposição do presidente João Goulart. O presidente Castelo Branco, seu conterrâneo e aparentado, no ano de 1966 a nomeia para ser delegada do Brasil na 21ª. Sessão da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, junto à Comissão dos Direitos do Homem. Passa a integrar o Conselho Federal de Cultura, em 1967, e lá ficaria até 1985.

Numa entrevista à Folha de São Paulo de 04/11/2003, ao divulgar seu livro de memórias *Tantos Anos*, escrito com a irmã Maria Luíza de Queiroz, Rachel de Queiroz esclarece que aceitou o golpe militar para derrubar o Jango (João Goulart), mas quando aquele movimento degenerou-se em ditadura, afastou-se. Considera que foi um governo de ocasião, e quando foi possível abandonar, abandonaram e entregaram para os civis. A cronista insiste ainda em sua aversão por João Goulart: “Sempre tive o maior desprezo pelo Jango intelectualmente, como pessoa, além do desconforto de ver na Presidência o grupo getulista, que já era por si fascista.” A maior consequência dessa sua opção foi o patrulhamento, porque aprovou o golpe.

Não é desnecessário observar, conforme nos apresenta Aquino que entre 1968 a 1978 a censura política à imprensa escrita no Brasil agiu de duas formas: “*através de telefonemas, anônimos ou não, de ordens escritas, apócrifas ou não, encaminhados às redações dos jornais, ou de acordos fechados com os proprietários de grandes órgãos de divulgação, ou através de censura prévia.*” (AQUINO, 1999: 222)

Em outra crônica “Imprensa Americana” a autora retoma o tema. A mesma encontra-se em Nova York há dois meses e lê a imprensa americana diariamente, o que a faz concluir que o maior inimigo dos líderes americanos não é o comunismo, mas sim sua imprensa. Sua crítica tem como foco, principalmente, o fato de os jornais americanos não praticarem a cortesia internacional. De forma veemente observa:

A imprensa americana, entretanto, sem corresponder às exigências de liderança de seu país, é com perdão da franqueza, a mais estreitamente provinciana, a mais arrogantemente ‘má vizinha’, a mais infantilmente jactanciosa, a mais incompreensiva, a menos universal das imprensas deste mundo.(QUEIROZ, 1989: 142).

Quando essa imprensa discute a política de outros países o tom é protetor e revela o desprezo pelas instituições alheias. A pilhéria é comum ao tratar de líderes de outros países: “*Se se referem ao presidente de tal país asiático jamais deixam de insinuar que ele é mulhengo, a um africano, que é um pernóstico, a um sul-americano, que é grotesco.*”(QUEIROZ, 1989: 142)

A cronista comenta que leu num jornal americano o comentário sobre uma viagem do Presidente Johnson a países da Ásia e a Oceania, como se ele tivesse, por habilidade, não ocupar os lugares nos banquetes, não falar com arrogância e nem imposição. Conforme a compreensão do jornalista, essas atitudes tinham como finalidade não ferir as susceptibilidades dos asiáticos, que “*se mostram mais vaidosos e sensíveis, na razão direta da sua insignificância*”. (QUEIROZ, 1989: 142)

Segundo o cronista todos os esforços do presidente americano são em vão, em função da atitude dos jornalistas. O General de Gaulle tem como base de sua inimizade pelos americanos, a forma irônica ou sarcástica que os jornais o tratam. O Brasil, velho aliado dos Estados Unidos é tratado sistematicamente com desconsideração, de forma ridicularizadora. A cronista considera que a riqueza, o poderio internacional, a supremacia técnica, subiram à cabeça desse povo, que abandonou valores como a virtude da humildade.

Por fim, desabafa a cronista, leitora da imprensa americana:

...Sim, pois não é possível que todo o resto do mundo – na Europa, Ásia, África, América e Oceania – todo o mundo se componha de analfabetos, famintos, mestiços degenerados, penando sob ditaduras ou entregues à orgia do anarquismo, a pechinchar dinheiro, a carecer de lições de democracia, de trabalho, de abc; e, acima de tudo, necessitados de se conformarem ao supra-sumo da civilização cristã: o american way of life! (QUEIROZ, 1989:144)

A crônica trata de um tema ainda presente no século XXI, somente para lembrar podemos citar os comentários de um correspondente americano no Brasil tratando o presidente Lula como um “cachaceiro”. Merece também registro o “susto” da imprensa nacional, que também mantém o tom subserviente em suas análises, quando o recém eleito presidente americano Obama faz elogios ao presidente brasileiro.

Alterando o tom da denúncia da prática da imprensa, que problematiza a ação dos *media*, na crônica “O Telefone” de junho de 1961 a autora também enfoca os meios de comunicação e a política, mas numa outra perspectiva. A cronista detalha a festa acontecida na cidade de Aroeiras em função da inauguração da Companhia Telefônica, que no entanto, a poucos servia. Os telefones oficiais eram o da delegacia, o da estação de trem, o da Câmara e o da casa do Juiz. Entre os particulares havia o telefone do casarão do Major Francisco Leandro, chefe do partido marreta e o do sobrado do Coronel Benvindo Assunção, chefe robalista.

A possibilidade da comunicação entre essas casas rivais criava uma verdadeira tensão. Conforme a cronista: “*Um Assunção, para um Leandro era assim uma idéia proibida, palavra proibida*”. Na Igreja cada família tinha o seu lado. Agora o telefone estava lá como porta aberta entre as casas.

O Coronel Belmiro pensava nessas possibilidades e de repente o telefone tocou, como que em resposta aos seus pensamentos. Ninguém da família, que ficou toda em volta do aparelho teve a ousadia de atender, pois falar ao telefone era prerrogativa do chefe. E assim o Coronel atendeu, e do outro lado uma voz em falsete pergunta se é o Benvindo e o convida

para uma missa por alma da Pomba Rola.

Há mais de um século esse era o nome de uma das mulheres da estirpe dos Assunção, que fora uma rapariga de ponta de rua que viveu com um padre e constituiu com ele grande prole. Seu nome legítimo era Dona Dorotéia. “*Contudo, quando alguém queria insultar um Assunção, era só falar de pomba, de rola, ou nas duas juntas. Também usavam arrulhar de longe, imitando a rolinha fogo-pagô.*” (QUEIROZ, 1989:32). Muito sangue correu em Aroeiras por causa da inocente ave.

Ao ouvir aquelas palavras o coronel soltou o fone, como se tivesse sido mordido de cobra. Imediatamente ligou para telefonista e a fez confessar que o telefonema recebido era da residência dos Leandro. Pouco tempo depois o Coronel juntou seus homens de confiança e foi até a casa do Major, bateu a porta e pediu para falar com o dono da casa, tendo sido informado que o mesmo não se encontrava.

O filho do Major, chamado Chico Vinte e Um, tísico, fraco, saiu à porta com uma garrucha e atirou no Coronel. O tiro acertou em outro, e um dos homens do Coronel se atracou com Chico. Enquanto isso o Coronel adentrou-se na casa do inimigo, sendo inquirido por uma das mulheres o que ele queria. O Coronel tirou o chapéu e disse que só queria punir um criminoso e deu a ordem: “*Arranque esse bicho aí.(...)Quero com tripa e tudo.*” (QUEIROZ, 1989:34).

Os homens tiraram o telefone com os fios, levaram para rua e atearam fogo. Ao povo que espiava medroso a cena o Coronel bradou: “Foi pra aprender a não soltar má-criação a homem.” Depois disso, nunca mais, em casa de Leandro ou de Assunção, na cidade de Aroeiras, se viu um telefonema. Podemos observar que por mais que a sociedade se modernizasse as relações ainda estavam baseadas nas relações de força locais dos coronéis, até meados do século XX no Brasil.

De forma bem humorada, a cronista expõe-nos a dificuldade da aceitação de um *media*, numa determinada sociedade que tinha suas práticas utilizar a garrucha, a faca, a truculência para resolver os entreveros entre as facções políticas locais.

As três crônicas apresentadas mostram então, a visão da cronista sobre o papel da imprensa no Brasil, distinguindo, conforme sua opinião, o rádio e o jornal, analisando a imprensa americana e sua vocação para o menosprezo por países do chamado “terceiro mundo”, e ainda como o telefone se insere em nossa sociedade rompendo os limites entre o público e o privado.



**Referências Bibliográficas:**

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado autoritário* (1968-1978). Bauru: Edusc, 1999.

BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção*. Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo. EDUC. Estação liberdade. 1996.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Vol.6. 3ed. Rio de Janeiro: José Olympio. Niterói. UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.

DIMAS, Antonio, A Crônica de Carlos Drummond de Andrade. *Boletim Bibliográfico*.BMA, São Paulo, 42 (2), 7-15, abr/jun, 1981, p.8.

QUEIROZ, Rachel de. *Obra Reunida*. Vols. 4 e 5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. In: *Boletim Bibliográfico* Biblioteca Municipal Mário de Andrade. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, vol. 46, n. 14, jan/dez, 1985, p.13